

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

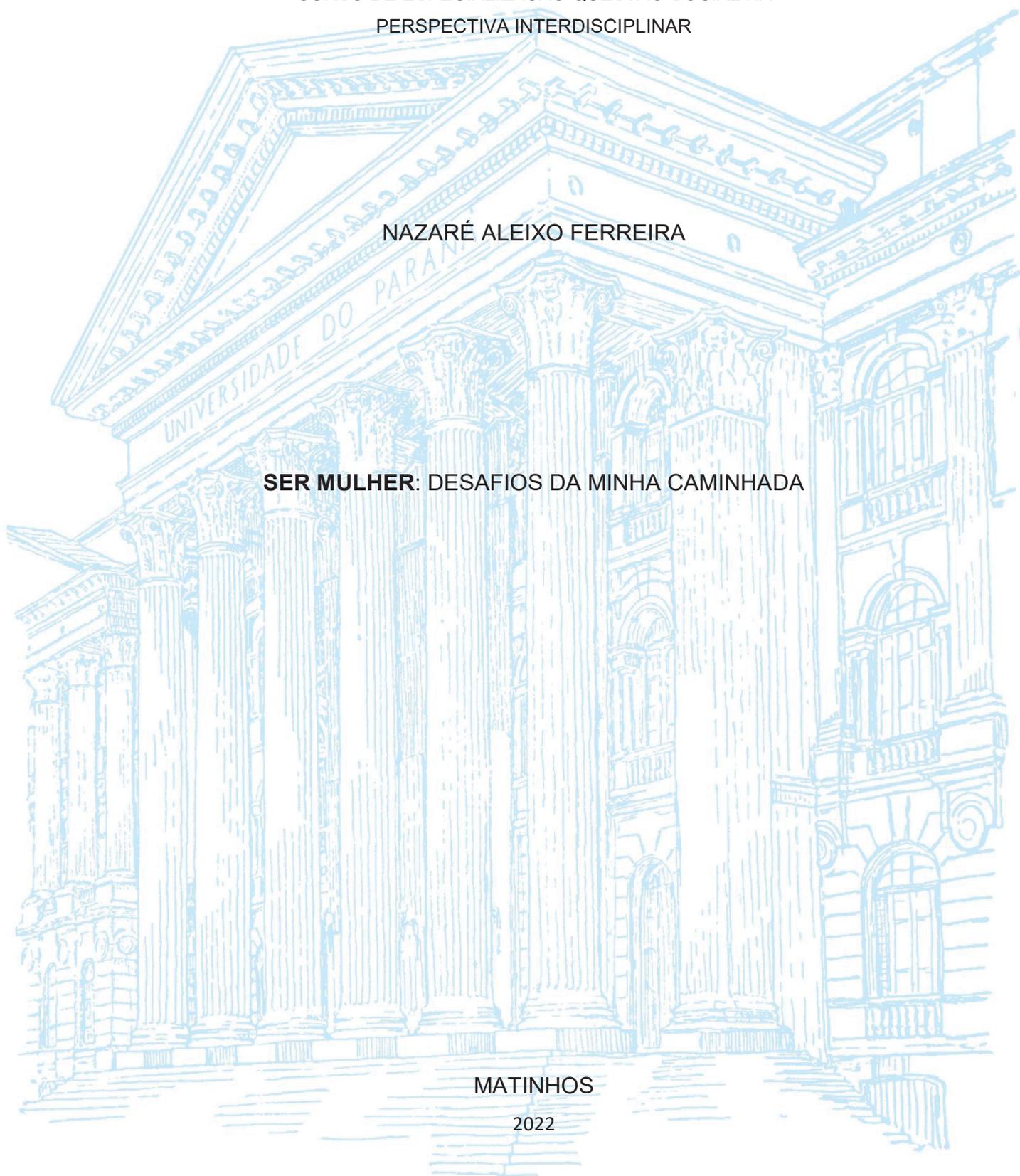
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO QUESTÃO SOCIAL NA
PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR**

NAZARÉ ALEIXO FERREIRA

SER MULHER: DESAFIOS DA MINHA CAMINHADA

MATINHOS

2022



NAZARÉ ALEIXO FERREIRA

SER MULHER: DESAFIOS DA MINHA CAMINHADA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, Universidade Federal do Paraná - UFPR Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR.

Orientador: Prof. Dr. Valdo José Cavallet

MATINHOS

2022

Dedico este trabalho as pessoas que fizeram parte da minha caminhada em algum momento da minha existência e contribuíram para as reflexões que aqui apresento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar força para superar e enfrentar os desafios da vida.

As minhas filhas pelo amor, paciência e colaboração.

Ao meu orientador Valdo pelo incentivo, pelos diálogos e trocas nesse processo.

A minha família que sempre esteve presente me apoiando e me incentivando a seguir em frente.

Meu sincero agradecimento a cada pessoa que contribuiu de alguma maneira nessa caminhada acadêmica.

“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre. Porque alguém disse e eu concordo que o tempo cura, que a mágoa passa, que decepção não mata. E que a vida sempre, sempre continua.” (Simone de Beauvoir)

RESUMO

Busco nesse trabalho refletir acerca da minha constituição como mulher, mãe educadora, educadora social e assistente social. Através do Método das **Histórias de Vida**, também reconhecido em ambientes acadêmicos especializados como Método **(Auto)biográfico**, procurei compreender meus movimentos, reconhecendo as minhas principais limitações e meus pontos fortes, buscando me ressignificar como mulher, enfatizando meu processo de formação e de aprendizado. É possível através dos diálogos com mulheres uma aproximação com a realidade na qual muitas mulheres são vítimas de violência física, sexual, psicológica, dentre outras. Diversas são as conquistas de movimentos que se organizam em defesa dos direitos da mulher. Ao me deparar com os desafios em minha caminhada, percebo e reconheço a necessidade de seguir buscando por direitos e superações. E em especial, nas minhas convivências diárias procuro dialogar com mulheres sobre a importância de seguir sempre lutando pelos direitos femininos.

Palavras chave: Mulher. Mulher Educadora. Educação. Feminismo.

ABSTRACT

I seek in this work to reflect on my constitution as a woman, educator mother, social educator and social worker. Through the life Stories Method, also recognized in specialized academic environments as the (Auto)biographicla Method, i tried to understand my movements, recognizing my main limitations and my strengths, seeking to re-signify myself as a woman, emphasizing my training and learning process. Through dialogues with women, it is possible to approach the reality in which many women are victims of physical, sexual, psychological violence, among others. There are several achievements of movements that organize themselves in defense of women's rights. When faced with the challenges in my journey, i realize and recognize the need to continue looking for rights and overcoming. And especially, in my daily interactions, i try to dialogue with women about the importance of Always fightin for women's rights.

Keywords: Woman. Educator Woman. Education. Feminism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
MINHA TRAJETÓRIA.....	11
MOVIMENTO FEMINISTA.....	15
LEI MARIA DA PENHA.....	17
MULHERES FANTÁSTICAS.....	18
SEGUINDO A PROSA.....	20
DO SONHO À REALIDADE: reflexões acerca da maternidade	27
RUMO A NOVOS DESAFIOS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

Como seres humanos estamos sempre à procura de opções para aprimorar nosso desenvolvimento profissional, individual e sociocultural, buscando valorizar nossa singularidade, reflexões e formação.

Nesse processo, nos deparamos com um mundo que nos faz novas exigências, e nos mostra a necessidade de passarmos por um processo de autoconhecimento, para não nos perdermos em meio as demandas trazidas pela sociedade onde vivemos.

Em busca de desenvolvimento pessoal e profissional, busquei o curso de especialização Questão Social na Perspectiva Multidisciplinar e, me aproximei com a metodologia História de Vida.

Pretendo nesse trabalho relatar, discutir e refletir sobre minha própria trajetória de vida, buscando uma melhor compreensão sobre minha caminhada, ressignificando e enfatizando o aspecto de formação, processos de aprendizagem e conhecimento.

Busquei nesse trabalho uma maior proximidade com uma metodologia que até então não conhecia e, através da mediação me desafiei escrever a trajetória da minha vida.

A metodologia de História de Vida, através da narrativa da história de vida do sujeito, permite que o mesmo passe por um processo de transformação pessoal, através de suas reflexões e ressignificações no processo.

Tal metodologia posiciona o sujeito no centro do processo de formação e de aprendizagem, permitindo que o mesmo descubra suas singularidades nesse processo e, volte para si mesmo ao mesmo tempo em que caminha com o outro, desafiando a refletir sobre nossa própria existência no mundo.

Ao refletirmos sobre nossa própria história, tomamos consciência do nosso processo de vida, nossos maiores desafios e nossa força interna o que nos permite refletir sobre nossas ações no mundo.

Através de tais reflexões é possível compreender que cada pessoa tem sua própria caminhada, sua própria história e, é preciso um olhar crítico para os problemas enfrentados pela sociedade, buscando a compreensão do movimento de cada um, de acordo com o contexto que está inserido.

Tais métodos, onde a narração do sujeito é o centro da pesquisa são inovadores nas Ciências Humanas, uma vez que a subjetividade individual é o centro da pesquisa e permite dar vez e voz às pessoas que não muitas vezes não ouvidas ou não tem espaço para se expor.

Dessa maneira, as reflexões acerca de meu próprio processo me permitem ter uma maior proximidade sobre a realidade das mulheres, mães e educadoras, as suas lutas diárias, as dificuldades encontradas e os desafios ultrapassados e, com isso, contribuir com essas mulheres, através de debates, orientações, buscando uma sociedade mais justa e solidária.

MINHA TRAJETÓRIA

Nasci em uma família com 6 irmãos, quatro filhos de mãe e pai e duas filhas somente da mãe, com quem pouco convivi. Família de poucos recursos materiais. Tivemos, apesar da escassez de recursos materiais, uma infância tranquila e feliz, regada de muitas risadas e brincadeiras incessantes. Devo nesse momento, levar em consideração que a visão de uma criança muito se distancia da de um adulto. Meu pai nessa época convenceu minha mãe a viajar pelo Brasil com três crianças, na época, sem moradia fixa, não me recordo muito dessa fase, mas muitas histórias me são contadas, pela família. Quando minha irmã menor nasceu, fomos morar com meus avós paternos, eu tinha cinco anos nessa época. Comecei a frequentar a escola aos 7 anos de idade. Poucas são as lembranças que tenho sobre a educação nessa fase de minha vida, mas lembro que de alguma forma já percebia que as pessoas mais pobres eram vistas de maneira diferente pela escola, pela sociedade e, palavras ligadas a religião eram usadas para explicar essa realidade, como que, para convencer-nos que ser pobre era uma dádiva divina, palavras como “o reino dos céus pertencem aos pobres”, não me lembro de ter ouvido questionamentos sobre isso, e buscava, de alguma maneira, formas de entender minha caminhada.

A adolescência e a juventude foram desafiadoras com a ausência dos pais, em outra cidade, outros costumes e grandes desafios, o que me levou a um grande crescimento pessoal.

Nessa fase da minha vida vejo a educação como um desafio muito grande. Nessa época, passei alguns anos distantes de minha família, estudando em colégio público, e morando que com pessoas que tiveram a acesso à educação, e percebo que buscava maneiras de me sentir pertencente aquele meio. Me lembro que na escola tive uma professora que me desafiava a dar meu melhor, Roseli, lecionava português e sempre me incentivava a caprichar na letra e me dedicar aos estudos.

Sentia uma certa fascinação com a ideia de fazer uma faculdade, porém, ao mesmo tempo, por diversos motivos, me sentia desmotivada, como se a educação superior fosse possível somente para pessoas que tinham dinheiro. Nessa época morava no interior do Paraná, sem universidade gratuita, não tinha esperança em

fazer faculdade, creio que muitas informações não chegavam até mim, e não tinha incentivo, era como uma caminhada solo.

Aos dezesseis anos vim para Piraquara, morar com minha tia e irmãos. Minha tia tem educação primária, e trabalhava muito para manter a casa, e, embora valorizasse a educação, incentivando meus irmãos a estudar, tinha preocupações muito maiores e me senti morando em um lugar onde eu não pertencia, novamente, aos dezessete anos fui morar sozinha, ou melhor, eu e meu irmão.

Trabalhava e estudava nessa época e minha única intenção era terminar o ensino médio, pois acreditava, que era necessário. Finalizei o ensino médio em 2000, sem grandes expectativas quanto a educação.

Em 2002, nasceu minha primeira filha. Me casei e fomos morar em nossa residência atual, em Pinhais.

Com uma filha e casada o sonho de ir para faculdade se distanciou um pouco, devido aos compromissos que viriam junto, mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora assalariada.

Depois de um tempo me surgiu a vontade de voltar para sala de aula, mas meu companheiro, na época, não concordava, afinal, como deixaria minha filha? E ele? E a casa? Quem assumiria minhas responsabilidades?

Apesar dos argumentos, das propostas para resolver essas questões, nada era aceito. A educação que eu tivera recebido até esse momento começou a me fazer questionar o papel da mulher, algo que hoje me faz dialogar com diversas mulheres e homens sobre o assunto.

Alguns anos se passaram e ganhei uma ação trabalhista, e vi a oportunidade de fazer uma faculdade, particular. Escolhi Serviço Social, creio que, para compreender melhor o mundo que vivemos.

Comecei o curso e conheci pessoas que me ajudaram a ampliar minha visão sobre meu modo de ver a vida, questionar vivências, organizações da sociedade como um todo.

Hoje moro com minhas duas filhas. Me divorciei no início de 2020, bem no início da pandemia, o que me prejudicou muito financeiramente, mas me permitiu muito crescimento pessoal.

Creio que os desafios que enfrentei durante a vida me ajudaram, de alguma maneira com a escolha profissional. Passei a vida observando os que tem menos e pensando que de alguma maneira poderia contribuir para que possam garantir alguns direitos.

Tanto na formação básica quanto na graduação o processo de educação foi parecido, existindo uma hierarquia, onde o professor tem poder sobre os alunos.

Lembro-me de professores que marcaram essa passagem, que davam vez e voz aos alunos e os integrava no processo de educação.

Minha maior expectativa sobre a formação profissional é a possibilidade de passar em um concurso público.

O exercício profissional conta com diversas demandas não possíveis de se atender, por falta de recursos materiais, na maioria das instituições, inclusive as públicas e a falta de políticas públicas que abracem as diversas e variadas demandas. Nas instituições particulares percebo o trabalho do assistente social é bem limitado e é necessário trabalhar com as limitações impostas pelas empresas e as necessidades dos usuários.

O maior desafio é se inserir no mercado de trabalho. Atualmente trabalho no comércio, sem nenhuma ligação com a carreira que escolhi. Também atuo como instrutora de yoga e terapeuta holística o que me dá possibilidade de conversar com as pessoas e, em alguns casos indicar órgãos públicos que possam ajudar em algumas situações vividas.

Creio que uma das minhas habilidades é procurar entender os desafios de cada um, sou uma boa ouvinte. Cursar Serviço Social com toda certeza é uma realização, e agora a especialização. Devido aos meus trabalhos tenho sentido dificuldades nesse processo, mas é uma realização participar do grupo.

Meu melhor passatempo hoje é conversar e conviver com minhas filhas e descansar. Gosto da convivência com as pessoas queridas, regadas com um bom papo, vinho e petiscos.

Hoje questiono toda minha trajetória de vida, e o papel de educação em cada momento.

Questiono, talvez, pois como me vejo responsável por duas pessoas, mulheres, tento tornar significativa a educação na vida delas, mas percebo que tenho muita dificuldade, pois não consegui fazer isso por toda minha vida. Incentivo da maneira como consigo a educação, procuro enfatizar a sua importância, mas questiono se eu realmente entendo sua real importância. Percebo que estou caminhando e buscando entender como educar e como tenho sido educada nessa caminhada. Talvez a vida seja sobre as perguntas que levantamos no decorrer de nossa caminhada, e não necessariamente sobre as respostas.

E muitas são as perguntas que até hoje não descobri as respostas, talvez porque nada é imutável e, o que tomamos como verdadeiro hoje, podemos questionar amanhã. O fato é que a minha caminhada como mãe, educadora e mulher me trouxe a possibilidade de muito conhecimento.

Com a maternidade surgiram muitas delícias e muitos desafios. A vida de repente toma novos rumos e muda nossas maneiras de perceber o mundo, o outro, se reconhecer, educar e ser educada.

Muitos desafios são enfrentados pelas mulheres, mães e trabalhadoras no dia a dia e, graças a muitas lutas e persistência, a mulher tem tomado seu lugar de direito no mundo e se reconhecendo e sendo reconhecida como sujeito de direito.

MOVIMENTO FEMINISTA

O fato de ser mulher e conviver com diversas mulheres no ambiente de trabalho, na minha família e em diversos lugares, percebo a violência presente de variadas formas, através dos diálogos que me fazem refletir sobre a história da mulher e suas conquistas. Muitas conquistas foram possíveis com o movimento feminista, no entanto, quando pensamos em termos de respeito aos direitos da mulher e igualdade de gêneros, ainda há muito que se conquistar.

Diversas são as lutas do movimento feminista como a violência contra a mulher, a inserção feminina no meio política, diferença salarial, acesso a métodos contraceptivos gratuitos, descriminalização do aborto entre muitos outros.

Estatísticas sobre a violência contra a mulher:

- A cada cinco minutos uma mulher é agredida no Brasil (Mapa da Violência 2012 – Homicídio de Mulheres).
- 13 mulheres são assassinadas por dia no Brasil (Fonte: MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM).
- A cada 2 horas uma mulher é vítima de homicídio, 372 por mês. (Instituto Avante Brasil – IAB a partir de dados do DataSUS, do Ministério da Saúde – Mapa da violência 2012)
- Os homens ganham aproximadamente 30% a mais do que as mulheres com mesmo nível de instrução e idade. (Dados adquiridos através do relatório “Novo século, velhas desigualdades: diferenças salariais de gênero e etnia na América Latina”, escrito pelos economistas do BID Hugo Ñopo, Juan Pablo Atal e Natalia Winder.)

A definição de violência contra as mulheres de acordo com as Nações Unidas é "qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada¹".

Muitas mulheres sofrem com violência por parte dos parceiros ou ex-parceiros que causam danos físicos, sexuais e psicológicos através de agressões físicas, abuso psicológico, coerção sexual e até mesmo comportamentos de controle.

Outro tipo de violência muito comum é a violência sexual. A OMS define como violência sexual “todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho”.

As vítimas de violência sexual podem sofrer as mais diversas consequências com a violência sexual, tanto comportamentais, sociais e de saúde mental. Meninas e mulheres sofrem mais por lesões e doenças resultantes dessa violência, uma vez que vulneráveis aos desdobramentos dessas agressões tanto na saúde reprodutiva quanto na sexual.

LEI MARIA DA PENHA

Uma das leis mais importantes para se combater a violência contra a mulher é a Lei Maria da Penha (11.340/2006). A lei homenageia Maria da Penha Maia Fernandes que ficou paraplégica após anos de vivência de violência doméstica e, busca punir de forma efetiva homens que praticam violência no âmbito doméstico e familiar.

Através da nova legislação foram criados mecanismos para coibir e proibir a violência doméstica, como a possível detenção do suspeito de agressão, multas ou doação de cestas básicas passaram a ser proibidas e em alguns casos, o agressor pode ser afastado da vítima e sua família entre outras.

A Lei 13.104/15, sancionada no governo Dilma Rousseff foi outra grande conquista para as mulheres e, torna qualificado o homicídio realizado contra as mulheres em razão do gênero.

No seu artigo 5, a Constituição Federal prevê que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações.

Toda trajetória da mulher é feita de desafios e lutas. Ser mulher é um fardo que carregamos no decorrer de toda nossa vida e, é preciso coragem para enfrentar violências e discriminações e, superar os desafios e se reinventar.

Na minha vida conheço e conheci mulheres fantásticas, corajosas e amorosas que todos dias lutam para conquistar seu espaço de direito no mundo.

MULHERES FANTÁSTICAS

A primeira mulher fantástica que tive em minha caminhada terrena foi minha mãe, Iivina. Preciso ressaltar que percebi, no decorrer desse trabalho, que muito pouco conheço sobre minha mãe, mas o suficiente para admirá-la como a mulher que foi.

Mulher, mãe, esposa, trabalhadora. Nascida em um lar pobre e, com mais de 10 filhos, minha mãe era gêmea de tia Ledina e teve uma vida desafiadora. Quando se casou com meu pai, tinha duas filhas, de outros relacionamentos. Deixou as filhas sob cuidados de outras pessoas e passou a relacionar com meu pai, com quem teve 4 filhos.

Quando ainda éramos pequenos, meu pai a convenceu a ir embora da casa onde moravam, em Curitiba, sem destino certo. Pouco me recordo dessa época, o pouco que sei são devido a relatos da família. Moramos em diversas regiões do Brasil, sem moradia fixa. Minhas primeiras lembranças da infância estão relacionadas a festas em igrejas finais de ano, onde brincávamos e nos divertíamos. Fomos morar com meu avô paterno e sua esposa, Maria, em Cacoal, Rondônia, eu tinha aproximadamente 5 anos. A vida era desafiadora e a infância era livre. A pobreza era extrema, a casa era de chão batido e não me recordo de saneamento básico na casa. Não tínhamos chuveiro e o banho era fora da casa. Minha mãe enchia uma lata perfurada com água e, ali tomávamos banho.

A alimentação principal era fornecida pela natureza, as árvores frutíferas eram abundantes e sempre tínhamos alguma fruta madura no pé para saborearmos. Atrás de nossa casa passava um rio, onde minha mãe lavava as roupas da família enquanto brincávamos perto dela.

Era ela a responsável pelos cuidados domésticos e carregava para si muitas preocupações com bem-estar da família, uma representação muito dominante da identidade feminina o papel de mãe, esposa, dona de casa.

No entanto é preciso ressaltar que essas representações vêm mudando com as novas gerações, que buscam por carreira profissional e permanência no trabalho assalariado e, se consideram desempregadas quando fora do mercado de trabalho.

É necessário reconhecer a importância da contribuição das mulheres na produção das riquezas assim como, na promoção do bem-estar das sociedades e, para tal, implica sair da lógica de acumulação de capital e do lucro. Os meios econômicos constroem sua riqueza através do trabalho sem remuneração feminino, extraindo desse bem particular, os laços sociais construídos, o cuidado com o bem-estar da família, como se fosse fonte inesgotável, sem nenhum valor monetário, desvalorizando boa parte do trabalho das mulheres na sociedade.

No entanto, de nada adianta considerar o valor das atividades que as mulheres assumem e não são remuneradas se, ao mesmo tempo, não garantir que tenham acesso ao trabalho remunerado, para lhes garantir o mínimo de autonomia. A busca por igualdade de direito e profissional também não é suficiente sem que exista divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres.

É fato que o ato do cuidado com o outro tendem a ser atribuído às mulheres, como algo inerente ao seu papel na sociedade, constitutiva e exclusiva da condição feminina. Na ausência de uma mulher, sempre existe outra para assumir o papel dos cuidados.

SEGUINDO A PROSA

Quando eu tinha 7 anos de idade, minha amada mãe teve complicações com o diabetes e acabou falecendo, me causando profunda dor e inseguranças quanto ao futuro. Nessa época, eu e meus 3 irmãos, Marcos, na época com 9 anos, Izabel com 5 e Priscila com 2 anos, fomos morar com meu avô paterno e sua esposa, vó Maria, como a chamávamos.

Os dois eram idosos, meu avô cuidava de uma fazenda onde fomos morar. A escola era longe de casa, mas era uma aventura o caminho. A natureza era predominante, ouvia-se facilmente o som das águas que corriam no rio, os animais soltos pelas árvores e matas. Minha escola era muito pequena e, me recordo que tinha muita dificuldade na compreensão dos conteúdos, apesar de me esforçar.

A escola era desafiadora, pois apesar do desejo de aprender, não compreendia a linguagem usada pelos professores. Era um ambiente que me causava estranheza e não me sentia pertencente ao lugar. Rubem Alves já dizia:

“Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida?” (ALVES, 2000, p. 18)¹

Na minha caminhada escolar, poucas professoras me permitiram fazer maiores reflexões acerca da importância do ensino e sentir, alegria de aprender. Uma delas foi professora Roseli, do ensino fundamental, dava aulas de português e, sempre estava me incentivando de alguma maneira, lembro-me da alegria que sentia sempre que ela corrigia cadernos e provas, pois, de alguma maneira ela sempre procurava destacar nossos acertos, o que me fazia sentir o desejo de alcançar melhores resultados. Outra professora, Maristela, de matemática, se atentava as dificuldades individuais de cada aluno e, procurava entender cada história de vida, como se davam as relações familiares, buscando auxiliar cada aluno em sua caminhada.

São profissionais que colaboraram para que despertaram desejo de autonomia, que me fizeram refletir a minha capacidade de pensar por mim mesma e

sentir alegria no aprendizado, e buscar caminhos que facilitem novos aprendizados também na vida fora do ambiente escolar. Para Paulo Freire (2005), a educação deve ser um direito de todos e deve ser gozada de forma autônoma e livre independente de teorias fragmentas ou conceitos:

“A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicista compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes’ e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (...) Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente.” (FREIRE, 2005, p. 77-78).

É importante que professor e aluno tenham uma parceria de estudo onde o aluno tenha consciência da importância do seu processo de aprendizagem e, como compreenda a importância da aplicabilidade do objeto de estudo.

Moramos por pouco tempo nesse local. Depois de alguns meses, fomos para Clevelândia, morar com minha tia Ledina, irmã gêmea da minha mãe.

Mulher batalhadora e, corajosa, afinal, assumir 4 crianças não foi tarefa fácil. Tínhamos uma família extensa grande, no entanto, nenhum parente ajudou na nossa criança.

Nessa época ela era casada com Sebastião. Não tinham filhos. Ela tem uma filha, Ângela, que muito contribuiu nesse período, até mesmo financeiramente.

Minha tia trabalhava como empregada doméstica, uma profissão como tantas outras consideradas femininas e, ainda que já estivesse vinculada a um trabalho ligada aos cuidados com outros, certamente jamais teria tido a experiência de ter 4 crianças sobre sua responsabilidade.

Esses cuidados com o outro deixam de ser apenas remunerados e passam a fazer parte da rotina da minha tia, que procurava oferecer respostas concretas as demandas que se apresentavam todos os dias, agora com nova roupagem.

É fato que diversas profissões ainda são consideradas femininas e estão extremamente ligadas aos cuidados, como enfermeiras, professoras e empregadas

domésticas. Além do cuidado com o outro, a mulher vivencia a dupla jornada, dentro e fora de casa, uma exploração intensificada, fruto da maneira como a sociedade se organiza. Ricardo Antunes analisa a condição da mulher na sociedade capitalista evidencia o caráter de classe do modelo patriarcal, que provocam exploração da mulher:

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer no espaço público seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria. Sem essa esfera da reprodução não diretamente mercantil, as condições de reprodução do sistema do metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizadas (ANTUNES, 1999).

Essa naturalização dos papéis assumidos pela mulher é reproduzida e apropriada pelo capital, pois contribui para seus interesses econômicos.

Aos nove anos de idade conheci outra mulher muito especial com quem fui morar por um tempo, vó Araci. Vó Araci sempre teve ao meu ver, um olhar triste. Ela havia perdido um filho, que nas vésperas de seu noivado, se afogou em rio conhecido da região, sempre me questionei se a tristeza que via em seu olhar seria devida a essa perda e, hoje, com minhas próprias experiências e perdas, sei que um dos motivos eram esse. Morávamos em 3 na casa. Uma casa grande e confortável no centro.

Vô Mozart, tinha uma fazenda, lugar que frequentava diariamente, enquanto a vó, ficava em casa, cuidando para que a casa fosse devidamente cuidada pela empregada doméstica. Outra mulher que dedicava seu tempo aos cuidados com o outro, ainda que agora, com a ajuda de outras mulheres.

Se percebe que existe uma naturalização nos papéis desenvolvidos pelas mulheres na sociedade, que contribuem com os interesses econômicos, como força de trabalho gratuita, no âmbito doméstico, algo desvalorizado. Para Veloso (2001)

Para McInloch, o Estado detém, indiretamente, um importante papel na opressão da mulher, por meio de seu apoio a uma forma particular de lar: 'o lar depende amplamente [...] do serviço doméstico feminino', modelo relacionado, por sua vez, a produção capitalista, na medida em que é funcional a reprodução da classe trabalhadora [...] ao realizarem trabalhos domésticos não remunerados e ao serem amplamente responsáveis pelos cuidados com os filhos, as mulheres estão realizando funções que são essenciais para o funcionamento contínuo e uniforme do sistema capitalista.

No sistema capitalista, a subordinação da mulher está diretamente ligada relacionada manutenção e reprodução do capital.

Morei alguns anos em Clevelândia. Quando tinha 16 anos, decidi vir morar em Piraquara, cidade onde minha tia morava com meus irmãos e, antes de completar 17 anos, eu e meu irmão alugamos uma casa e fomos morar em outro bairro, no Weissópolis.

Moramos juntos por 2 anos aproximadamente e, aos 19 anos engravidei. Casei com o pai das minhas filhas logo após o nascimento da Nicole, nossa primogênita. Ficamos casados pelo período de 18 anos e, no ano de 2020 nos divorciamos.

Quando nos divorciamos eu trabalhava como Terapeuta Holística e como Instrutora de Yoga, onde resido e em um espaço de yoga e terapias.

O divórcio ocorreu no mês de março de 2020 e, nessa época já ouvíamos falar em uma tal pandemia que se alastrava pelo mundo. Jamais imaginaria que tomaria tais proporções e, a vida trouxe com a pandemia muitos desafios.

Com a pandemia os atendimentos terapêuticos caíram drasticamente, assim como as aulas de yoga.

Apesar do reconhecimento dos diversos benefícios das terapias naturistas, relatados pelos próprios pacientes, como à redução da ansiedade, do estresse e depressão, muitas pessoas ficaram com medo, não somente devido a necessidade do contato pessoal, mas também, com medo do desemprego, medo de passar ou transmitir o vírus para pessoas queridas e, o risco de perdê-las.

De acordo com Ministério da Saúde, práticas integrativas e complementares,

São práticas que estimulam os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde e contribuem para a promoção da saúde, inserção social, redução do consumo de medicamentos,

melhoria da autoestima e da qualidade de vida, entre outros (BRASIL, 2006a).

De acordo com Nascimento (2016, p. 63):

A história das Práticas Integrativas e Complementares [PIC's] tem suas raízes vinculadas à história das denominadas práticas populares ou medicina popular. Especialmente quando a saúde ainda não se configurava como “direito de todos e dever do Estado”, as pessoas eram atendidas por programas e ações beneficentes, a partir de um modelo assistencial ou por meio das práticas populares de saúde. Atualmente submetidas à condição de anonimato, mas à época com uma significativa expressão e reconhecimento, as práticas populares se apresentavam como uma das formas solidárias de cuidado em saúde, com ações que variavam desde o uso da reza, dos partos, por meio das parteiras naturais, até a utilização dos remédios caseiros, entre outros.

Foi necessário me reinventar. Passei a dar aulas online. um desafio novo, além de tantos outros. Me percebi com duas filhas, com poucos clientes e tentando me adaptar à nova realidade. Poucos foram os alunos que aderiram as aulas online. Pensei em entrar em outro negócio e, junto com minha irmã, entramos no ramo de vendas de canecas personalizadas, para ter uma renda a mais.

O negócio se pagou, mas não gerou lucro. Precisava urgente de um emprego formal e, de preferência que não dependesse de ônibus, por conta do risco de pegar COVID. Comecei a trabalhar em uma loja, perto de casa, onde estou até hoje.

Apesar da consciência dos riscos trazidos com a pandemia, trabalhar em uma loja com atendimento ao público foi a melhor opção.

Tomamos durante toda a pandemia os devidos cuidados, principalmente no tocante ao ambiente de trabalho. Medidas como isolamento social, afastamento das pessoas queridas para evitar aglomerações, higienização das mãos, uso de máscaras faciais e distanciamento social, foram essenciais para evitar o contágio. Durante todo esse período não nos contaminamos, no entanto, pessoas muito queridas, próximas, se contaminaram e, alguns conhecidos perderam suas vidas para o COVID-19.

Com a vacinação podemos ter um pouco de tranquilidade apesar da necessidade de manter os cuidados, as mortes diminuíram e as pessoas que pegam, geralmente tem sintomas mais leves.

Eu e minhas duas filhas atualmente estamos vacinadas, assim como a maioria das pessoas da família. Apesar da vacina, algumas pessoas adoeceram, mas logo se recuperaram.

Nesse processo todo, destaco que algumas mulheres me apoiaram e me apoiam nessa caminhada, com longos debates e considerações dessa caminhada, o que me faz ter fé e esperança de dias melhores, para mim e para as mulheres que mais sofrem.

Dentre suas batalhas, a questão gênero é uma construção que precisa ser superada pelas mulheres. De acordo com Saffioti (1992),

O gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. Nesta linha de raciocínio, o corpo da mulher, por exemplo, é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como mulher. Esta definição só se processa através da atividade dessa mulher na sociedade. Isto equivale a dizer, para enfatizar, que o gênero se constrói-expressa através das relações sociais.

Através da convivência com diversas mulheres, que relatam sobre diversos problemas que se expressam no dia a dia, fica claro a necessidade de buscar superar desigualdades sociais e lutar por uma liberdade plena e substantiva para ter uma verdadeira liberdade.

Dentre essas mulheres, com quem compartilho experiências, destaco, minha irmã Priscila e minha irmã Izabel que foram essenciais, pois me deram sempre apoio emocional em toda minha caminhada. Minha cunhada Keli pelos intermináveis diálogos e reflexões sobre educação, futuro e tantos outros assuntos. Minha tia Ledina que sempre esteve presente na minha vida entre tantas outras.

Destaco que, sempre foi muito desafiador para todas essas mulheres e tantas outras o processo de ser mulher, mãe, educadora, mas cada uma dá o melhor de si, buscando vencer os diversos problemas.

Dos desafios que a vida me trouxe, ser mãe foi certamente o mais significativo, com muitas transformações e diversos questionamentos em todos os aspectos da minha vida, mudando meus valores e minhas prioridades, e buscando meios de educar outros seres humanos, o que me permitiu diversas reflexões e um

posicionamento diferente diante da vida, passando a focar no bem-estar e felicidade não somente meus, agora acompanhados de novos amores.

DO SONHO À REALIDADE: reflexões acerca da maternidade

Uma das maiores alegrias da minha vida foi a chegada da Nicole. O coração não poderia se sentir mais maravilhado, um grande sonho que estava realizando, no entanto, junto com ela, nasce todos os desafios possíveis que traz a maternidade.

O nascimento da Nicole foi um acontecimento maravilhoso para nossa família. Pais de primeira viagem e um pequeno ser humano nos braços. Morávamos na casa dos avós paternos dela, e, como primeira neta, recebia todo amor e atenção que precisava.

Nessa época, tínhamos pouca leitura, talvez nenhuma, sobre educação e, não fazíamos ideia de como colocar limites em um ser humano tão pequeno, tão pouco tínhamos noção acerca das fases da vida de uma criança.

Nicole era uma criança muito ativa e feliz e, conforme crescia, desejava ser independente e tomar fazer suas escolhas próprias. Em pouco tempo, logo após seus primeiros passos, decidia com entusiasmo o que comer, vestir ou calçar. Eu não via tanto problema nesse desejo apresentado, de independência, mas percebi que algo não estava indo tão bem quando, por exemplo, ela decidia que colocaria saia e sandália em um inverno rigoroso ou, em dias de festas, decidia que usaria alguma roupa qualquer que gostasse de usar no dia a dia, tudo isso sem nos permitir opinar sobre suas decisões.

É interessante pensarmos que apesar do desejo concreto de ser mãe, nunca tive nenhum tipo de instrução acerca da maternidade e outros assuntos relacionados de extrema importância. Apesar do fato de que as mulheres sofrem pressão da sociedade para que se tornem mães, a escola, ou a vida, não me prepararam para o desafio da maternidade, assim como não prepara as mulheres que são, ou desejam ser mães.

É possível se perceber que no imaginário popular, a maternidade está muito ligada a uma ideia fantasiosa, onde a mulher será completamente feliz e realizada após o nascimento dos filhos, no entanto, é necessário um olhar mais atento acerca da realidade e, se pararmos para observar, a maternidade, independentemente de cor, raça, religião ou status social, é possível perceber que a maioria dos pais não se sentem preparados para lidar com diversas situações que se apresentam após o

nascimento dos filhos e depois, principalmente na adolescência, fase desafiadora na vida do ser humano.

Com todos esses desafios que minha pequena trazia, decidi que precisava de maiores instruções, informações e ajuda para sua educação. Comecei a ler, assistir entender como educar uma criança. Conheci diversas técnicas, de diversos autores nesse tempo e fui aos poucos experimentando e sentindo que estava surtindo alguns efeitos.

Percebi nessa época a importância da leitura e busca por informações que me auxiliassem nesse processo. A educação por qual passei nesse período foi muito importante para minha percepção como indivíduo, pois me fez perceber que era possível ter outras visões e percepções acerca da educação infantil, que me permitiu ter uma certa criticidade acerca da educação.

Se pararmos para analisar a diferença entre a ingenuidade e a criticidade, os saberes da vida cotidiana e os saberes científicos, é possível perceber que não existe uma ruptura na forma de pensamento, porém, uma superação, pois a curiosidade ingênua se torna crítica através da educação. Para Paulo Freire;

A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão.

Muitas foram as reflexões que fiz nessa nova caminhada que se apresentava, e me desafiava, que era a educação de outro ser humano, que me trouxe curiosidades de como agir para que, além de ser feliz ela soubesse que, existe um lugar para si no mundo e também a necessidade de respeitar o outro, buscando seu espaço no mundo ao mesmo tempo que, enxerga e considera o espaço do outro. Para Freire (1996) ao se tornar a curiosidade a nível de curiosidade epistemológica, onde existe a capacidade de uma reflexão sobre a natureza, as etapas e os limites do conhecimento, se torna rigorosa em termos metodológicos e, conquista condições para uma compreensão mais ampla da realidade.

A curiosidade de uma pessoa com senso comum tem a mesma natureza da curiosidade dos cientistas, no entanto, o que os diferencia são os métodos que utilizam para superar tais realidades, uma vez que cientistas utilizam métodos críticos para tal superação.

Buscando conhecer esse universo infantil, assim como o caminho da educação, sempre educando ao mesmo tempo que sou educada, no ano de 2010 tivemos nossa caçula, Thays.

Buscando conhecer esse universo infantil, assim como o caminho da educação, sempre educando ao mesmo tempo que sou educada, no ano de 2010 tivemos nossa caçula, Thays.

Thays nasceu em um ambiente tranquilo, de paz e harmonia familiar. Desde seu nascimento se mostrou uma criança tranquila e feliz. Com seu nascimento, procurei acompanhar seu crescimento mais de perto e, fiquei em casa me dedicando aos seus cuidados, sem trabalho formal.

Já tinha alguma leitura sobre educação infantil nessa época, assim como, alguns anos acumulados de experiências. Novos desafios foram se apresentando com a convivência familiar, sobretudo a convivência entre minhas filhas, em fases diferentes da vida, uma criança pequena e outra entrando na adolescência.

Minha leitura de mundo e, sobre educação infantil, muito me ajudou nas fases iniciais da vida da Thays, conseguindo sempre estimular seu desenvolvimento e lidando facilmente com seus desafios típicos da primeira idade.

As novas fases que minha primogênita nos apresentava, os novos desafios, foram seguidos com novas leituras e diversos acertos e erros.

Tive oportunidade de iniciar meu curso de graduação em Serviço Social no ano de 2014, quando minha filha mais nova tinha 4 anos. Algum tempo depois passei a fazer estágio em São José dos Pinhais durante o dia e frequentava a faculdade no período da noite.

A maternidade me desafiava, ao mesmo tempo que, acreditava ser importante esse processo de aprendizagem até mesmo para elas, afinal, sempre considerei a educação um elemento importante da vida, e, eu, de alguma maneira gostaria de incentivá-las.

Buscando ir de encontro com a educação que sempre acreditei, incentivei a Nicole a fazer magistério, para que ela tivesse um pouco de contato com esse mundo. Desde muito cedo ela desejou ser psicóloga, pensei na possibilidade do magistério para que ela tivesse contato com matérias que a aproximasse das leituras mais humanas.

Após finalizar o curso de magistério, iniciou o curso de psicologia, está em seu segundo ano e, com todos os desafios trazidos pela pandemia do COVID 19, segue trilhando seu caminho em busca da realização profissional.

Thays está entrando em uma fase desafiadora para toda a família, a adolescência. Se mostra uma menina determinada e feliz. Ainda não sabe quais caminhos vai trilhar no futuro, mas segue sendo incentivada.

É fato que com a realização do sonho da maternidade, surgiram muitos desafios, devido as diversas expectativas e cobranças, tanto pessoais quanto da sociedade. Torcemos para que a felicidade seja companheira constante de nossos(as) filhos(as), no entanto, nem sempre é possível controle sobre os acontecimentos.

Engravidei novamente no ano de 2016, do Allan. Durante sua gestação a vida se apresentava muito agitada, estava fazendo faculdade, rumo ao último ano. Os desafios diários eram muitos, casa, família, faculdade, estágio e, apesar da correria, ele crescia conforme o esperado.

Em 2017, quando estava no quinto mês de gestação acabei adoecendo. A vida era corrida e naquele ano iniciaria um dos maiores desafios da vida acadêmica, o Trabalho de Conclusão de Curso. Precisei deixar tudo de lado e olhar para minha saúde e do meu pequeno, devido a dores que comecei a sentir. Em pouco tempo descobri que estava com uma infecção gravíssima e infelizmente afetou o bebê.

Allan nasceu com seus 1,335kg, mas não resistiu mais que meia hora após seu nascimento, devido a complicações da gestação. Foi uma fase desafiadora para toda minha família e, recebi muito apoio da minha família e amigos o que foi essencial para minha recuperação física e mental.

Penso que Allan era um menininho muito alegre, estava sempre “chutando” minha barriga. O pouco tempo que passamos juntos estava mergulhada em diversos

compromissos, o que não me permitiu curtir a gestação como gostaria, mas foi uma honra ser sua mãe nesse pouco tempo de vida.

Apesar da perda de um grande amor, meu amado filho, voltei a faculdade assim que possível, depois de dois meses, com o objetivo de finalizar e seguir em frente. Fiquei afastada por dois meses, em recuperação e quando retornei, procurei dar conta de tudo que entender o que havia perdido.

Consegui finalizar o curso de Serviço social no mesmo ano, apesar da dor do luto. A perda de um filho é um dos maiores desafios e a maior dor na vida de uma mulher. No momento que se descobre sobre a gestação passamos a amar aquele ser humano e ele ou ela passam a fazer parte do dia a dia, do futuro dos sonhos.

A dor do luto durou anos e ainda hoje se faz presente em diversos momentos. É necessário, com a perda, aprender a conviver com a dor e seguir adiante.

Meu processo de aprendizado como mulher, mãe e educadora seguem todos os dias de minha vida, com a convivência com minhas filhas e as lembranças do meu filho, ainda hoje percebo que o processo de educação é contínuo e, ao mesmo tempo em que as educo, elas me permitem ser educada. Para mim, a educação se faz presente no dia a dia e, é necessário na construção de todo ser humano, à medida que se reflete em toda a sociedade. É preciso procurar entender nosso processo de vida e ter uma leitura crítica da realidade, o que procuro sempre dialogar com as pessoas que convivo.

As mulheres com quem convivo são todas batalhadoras, algumas são mães, trabalhadoras, e estão sempre buscando responder as diversas demandas do dia a dia e muitas vezes não reconhecem seu espaço na sociedade.

RUMO A NOVOS DESAFIOS

Esse não é um trabalho comum. Um trabalho comum provavelmente não me permitiria fazer tantas reflexões sobre minha caminhada como mãe, mulher, educadora e profissional.

Busquei com esse trabalho compreender minha história de vida e, fazer reflexões sobre minhas vivências, procurando me conhecer e me reconhecer em minha trajetória.

Me reconheço como mulher, mãe, educadora social e assistente social, apesar de não exercer a profissão por falta de oportunidade, busco perceber no dia a dia, na convivência com outras mulheres, mães, esposas, donas de casa, trabalhadoras, oportunidades de pensar o fazer profissional.

Refletir sobre minha história de vida me possibilita compreender que a realidade de cada pessoa é diferente, cada um tem seu próprio mundo, sua própria história, seus desafios e limites, enriquecendo minhas reflexões acerca do meu fazer profissional.

Ao me reconhecer mulher, reconheço todas as lutas travadas por outras mulheres diariamente, contra o machismo, a violência contra a mulher, a diferença salarial, violência sexual e tantas dificuldades vividas todos os dias por mulheres que são de minha convivência e, as mulheres do mundo inteiro, o que me permite refletir e agir, em algumas situações, para a defesa e orientações acerca de seus direitos. Sempre procuro debater com as mulheres com quem convivo sobre a importância de se reconhecer vítima e lutar para que seus direitos sejam garantidos. Busquei com esse trabalho ressignificar minhas experiências e vivências. Nesse processo foi percebi que tenho minhas limitações, mas também tenho muita força para superar possível barreiras e, desejo seguir aprendendo e me desafiando, buscando sempre que possível, auxiliar minhas filhas e outras mulheres em sua jornada.

Penso que seja possível inventar novos modos de ser no mundo, a partir do encontro com o outro e, ao incorporar o que foi vivido, o passado se faz presente. A riqueza da vida talvez se encontre nos significados que atribuímos a tudo o que vivenciamos, e ao refletir sobre sua própria história, é possível ressignificar nossa caminhada e nos reconhecer como protagonistas de nossas vidas.

Dessa maneira, esse trabalho me permitiu me reconhecer, perceber minhas batalhas e minha força, saber quem sou, com isso, seguirei buscando meios de me inserir no campo profissional e, continuar estudando, para poder seguir ensinando e aprendendo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 10º ed. São Paulo: Papirus, 2000
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BRASIL, 2006a. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**, Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 92 p. - (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- NASCIMENTO, M. V. N. D. **Práticas integrativas e complementares grupais nos serviços de saúde da atenção básica**: possibilidades de diálogo com a educação popular. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- OPA, Organização Pan-Americana de Saúde. **Violência contra as mulheres**. Disponível em < <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women> >. Acesso em 05 fev. De 2022.
- SAFFIOTTI, Heleith I. B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: Costa, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.
- Teorias e Práticas do Care: Estado Sucinto da Arte. Dados de Pesquisa e Pontos em Debate. In: FARIA Nalu; MORENO, Renata (Orgs.). **Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF, 2010. p.42- 56
- VELOSO, Renato. **No caminho de uma reflexão sobre Serviço Social e gênero**. Revista Praia Vermelha, Estudo de Política e Teoria Social, Rio de Janeiro, v. 2. p. 2001.

ANEXOS

Fotos históricas e significativas da minha caminhada, apresentadas para a banca na defesa do TCC de conclusão de Curso

Foto 1 – Avós maternos



Meus avós maternos com os filhos

Foto 2 – Mãe



Minha mãe, com minha irmã Izabel no colo, eu e meu irmão Marcos.

Foto 3 – irmãos



Parte da infância, em Cacoal/RO

Fotos 4 – Irmãos



Em Piraquara/PR

Foto 5 – Filha Nicole



Nicole e sua busca por conhecimento

Foto 6 – Thays



Thays, observadora e curiosa

Foto 7 – Amigos da Caximba



Conhecendo o projeto Amigos da Caximba, em Curitiba/PR

Foto 8 – UFPR



Participação de evento na universidade Federal do Paraná, em Matinhos/PR

Foto 9 – Assentamento do Contestado



Visita ao Assentamento do Contestado, na Lapa/PR

Foto 10 – Feira no Assentamento do Contestado



Feira de produtos orgânicos organizada no Assentamento do Contestado, na Lapa/PR